

**IDADE: UMA VARIÁVEL
SOCIOLINGÜÍSTICA
COMPLEXA**

FREITAG, Raquel Meister Ko¹

¹ Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

RESUMO: Na pesquisa sociolingüística os resultados relativos à variável faixa etária costumam referendar generalizações sobre o andamento do processo de variação ou mudança lingüística. Porém, por detrás dos resultados da variável “faixa etária” estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização. Argumento que os resultados obtidos na correlação entre as faixas etárias devem ser analisados com maior cuidado, pois nem todo indício de mudança em curso apresentado pela distribuição dos resultados em função da faixa etária é reflexo somente da gradação etária dos falantes que constituem a amostra do estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Faixa Etária, Variável Sociolingüística, Fatores Sociais

ABSTRACT: In sociolinguistics, results from the variable “age” countersign generalizations about the course of the variation process or linguistic change. However, behind of the results of the variable “age” other social aspects are related, such as social networks and job market. I argue that the results obtained in the correlation among the age should be analyzed with larger care, because nor every change indication in course presented by the distribution of the results in function of the age is only reflex of the speakers’ age gradation that constitutes the sample of the study.

KEY WORDS: Age, Sociolinguistic Variable, Social Factors

I. INTRODUÇÃO

Estudos variacionistas costumam atribuir grande importância aos resultados obtidos pela correlação entre o fenômeno em análise e a faixa etária dos falantes, pois tais resultados podem referendar generalizações sobre o andamento do processo de variação e mudança. Proponho uma reflexão sobre o que significa a variável sociolingüística rotulada “faixa etária”, argumentando que a faixa etária é uma variável extremamente complexa, pois à ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização. Os resultados obtidos na correlação entre as faixas etárias devem ser analisados com maior cuidado, pois nem todo indício de mudança em curso apresentado pela distribuição dos resultados em função da faixa etária é reflexo somente da gradação etária dos falantes que constituem a amostra do estudo. A seguir, discuto o problema metodológico relacionado ao controle da variável faixa etária, analisando algumas soluções e rediscutindo alguns resultados.

2. PROBLEMA METODOLÓGICO

Como observar a variação e a mudança lingüística é o cerne da Sociolingüística, especialmente a de orientação laboviana. Podemos ter evidências intuitivas de uma dada variação ou até mesmo de uma mudança, mas que, sem uma comprovação empírica, de nada valem. Por isso, os trabalhos da área dedicam boa parte do seu espaço para descrever os métodos para captar o fenômeno de variação e mudança lingüística em questão.

Labov (1994) questiona se a variação e a mudança lingüística podem ser realmente observadas. Na biologia, por exemplo, um experimento pode ser reproduzido quantas vezes forem necessárias. Alguns levam semanas, outros anos. Mas todos podem ser repetidos. Até mesmo a geração de vida, tal como nos primórdios da Terra, a partir da combinação entre gases, variações de temperatura e de pressão, já foi reproduzida em laboratório, ainda que em escala reduzida. Porém, com a língua não é possível repetir algum fenômeno de variação ou mudança, pois estes são resultados determinados por variáveis muito complexas e únicas. Ou melhor, uma variável coletiva: a sociedade, formada por seres individuados e pensantes.

2.1 TEMPO REAL E TEMPO APARENTE

Apesar da (não só aparente, como de fato) complexidade que envolve estudos da variação e da mudança lingüística, o argumento da percepção intuitiva costuma ser forte e motiva a busca por estratégias empíricas para captar o fenômeno. Labov (1994) propõe uma metodologia que se resume à observação de dois estados da língua e a garantia de que haja continuidade entre eles. Significa que, em um dado momento, colem-se dados do fenômeno de uma amostra x . E, passado um período y , repete-se a coleta de dados, na mesma amostra x .² A observação de um estado de uma língua é feita através

² A constituição da *amostra* e a extensão do *período* são conceitos relativos. Labov usa *comunidade de fala* para se referir à amostra. Quanto à extensão do período entre as observações, não existe um valor seguro. Estimam-se períodos de cinco anos, 10 anos, 20 anos, como o caso do /r/ em Nova York (LABOV, 1994) ou até 40 anos, como é o caso do estudo na comunidade de Martha's Vineyard, em 1962 por Labov, e em 2002 por Blake & Josey (2003).

de estudo quantitativo de uma amostra randômica e representativa de todos os segmentos de uma comunidade de fala³. Estudos desse tipo, chamados estudos em *tempo real* se subdividem em *estudo de tendência* e *estudo de painel*. O estudo de tendência (*trend study*) é mais simples: requer uma amostra randômica da mesma comunidade de fala em um período *y*, posterior ao da primeira coleta. Já o estudo de painel (*panel study*) é mais complexo, pois requer o recontato com os mesmos indivíduos informantes da primeira coleta, com a aplicação do mesmo instrumento. É possível estabelecer algumas correlações entre estudos de tempo real e de tempo aparente no que se refere à estabilidade/instabilidade da mudança e a relação entre comunidade e indivíduo, como pode ser observado no quadro I.

QUADRO I: CORRELAÇÃO ENTRE TEMPO REAL E TEMPO APARENTE (LABOV, 1994: 83)

	Indivíduo	Comunidade
(1) Estabilidade	Estável	Estável
(2) Gradação etária	Instável	Estável
(3) Mudança geracional	Estável	Instável
(4) Mudança comunitária	Instável	Instável

³ No Brasil, dois grupos de pesquisa destacam-se no estudo da variação e mudança lingüística na perspectiva laboviana, contando com amostras de dois estados de língua, com um intervalo aproximado de duas décadas entre cada amostra: NURC e PEUL. O Projeto NURC (Norma Culta Urbana do Brasil) tem como objetivo caracterizar a modalidade culta da língua falada cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (é importante ressaltar que, apesar de subsidiar estudos de natureza variacionista, o objetivo do projeto não é este). O material coletado representa o desempenho lingüístico de falantes de ambos os sexos, nascidos nesta cidade, com escolaridade universitária, distribuídos em três faixas etárias - de 25 a 35 anos, de 36 a 55 e 56 anos em diante - gravados em três situações distintas: 1) aulas e conferências (elocução formal); 2) diálogos informais (diálogo entre dois locutores); 3) entrevistas (diálogo entre locutor e documentador). Para analisar a mudança lingüística, iniciou-se na década de 90, a ampliação do corpus do NURC, nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre, através do recontato dos informantes da amostra inicial e coleta de uma amostra complementar

O PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) visa o estudo da variedade não culta do português falado no Rio de Janeiro. É composto por dois *corpora*: a amostra Censo 80, coletada na década de 1980, e a amostra Censo 00, coletada na década de 2000, ambos com 48 horas de gravação de falantes adultos, divididos por três faixas etárias (15-25

Se o comportamento lingüístico dos indivíduos é estável durante toda a sua vida e o comportamento lingüístico da comunidade também, a intuição do pesquisador falhou e não há variação a analisar: há estabilidade, como reflete o padrão (1). Já se os indivíduos mudam seu comportamento lingüístico durante o decorrer da sua vida e a comunidade não mostra a mesma mudança, o padrão é caracterizado como *gradação etária*, como o padrão (2). Os padrões (3) e (4) não são transparentes, requerem um controle mais refinado para serem identificados. O padrão (3) reflete mudança geracional, no qual alguns membros da comuni-

anos, 26-49 anos e mais de 50 anos) e uma amostra de crianças na faixa de 7 a 14 anos. O PEUL, além de controlar as variáveis sociolingüísticas clássicas, controla variáveis sociais não convencionais, tais como a relação dos informantes com produtos culturais (como mídia televisiva e escrita, cinema, teatro e outros), a sua posse de bens materiais disponíveis no mundo moderno (apartamentos, carros, telefones, viagens, etc.) e as suas expectativas em relação ao futuro. Esse procedimento é uma tentativa de mapear variação lingüística na sociedade brasileira, na qual apenas a categorização por classe social segundo parâmetros como renda, local de moradia, escolarização e profissão não é claramente delimitada. Conjugadas às variáveis sociolingüísticas convencionais, essas variáveis mais refinadas permitem detectar tendências divergentes no interior da mesma comunidade de fala. (PAIVA, SCHERRE, 1999: 219)

Embora conte apenas com a amostra de um estado de língua, outro grupo de pesquisa que merece ser lembrado é o Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil), que tem por objetivos o armazenamento e a disponibilização de amostras de fala de habitantes característicos de áreas urbanas representativas de cada um dos três estados da região sul do Brasil. A amostra foi coletada na década de 1990 e compreende as cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (região de fronteira), no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Lages (colonização sulista), Blumenau (colonização alemã) e Chapecó (colonização italiana), em Santa Catarina; e Curitiba, Irati (colonização eslava), Londrina (cidade mais importante da região norte do estado) e Pato Branco (cidade mais importante da região sudoeste do estado), no Paraná. Cada cidade é representada por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis sociais (sexo masculino e feminino, três níveis de escolarização e duas faixas etárias) de duas entrevistas. Florianópolis é a única cidade do banco de dados que tem uma faixa etária a mais, totalizando 36 entrevistas correspondentes a 18 perfis sociais. Os entrevistados estão estratificados em três níveis de escolarização: de 4 a 5 anos; 8 a 9 anos; e 10 a 11 anos. Quanto às faixas etárias, as entrevistas subdividem-se em: faixa A (25 a 49 anos, preferencialmente 25 a 45 anos); faixa B (mais de 50 anos, preferencialmente 55 a 75 anos); e somente em Florianópolis, jovens (15 a 24 anos, preferencialmente 15 a 20 anos). (KNIES & COSTA, 1996)

dade desencadeiam a mudança. E o padrão (4) reflete mudança comunitária, no qual toda a comunidade desencadeia a mudança.

Estudos de variação e mudança em tempo real demandam tempo, pois é necessário um lapso temporal entre as duas coletas. Outra estratégia para identificar, descrever e analisar um dado fenômeno de variação ou de mudança lingüística em um período de tempo reduzido proposta por Labov (1994) é que a mudança pode ser observada em *tempo aparente*. Ou seja, analisar o comportamento do fenômeno em função das faixas etárias. Essa saída metodológica pressupõe que a idade cronológica dos indivíduos represente uma "passagem no tempo". Assumindo a hipótese clássica de que a língua de um indivíduo se constitui até cerca de seus quinze anos de idade, pode-se fazer uma escala correlacionando a idade real do indivíduo com um dado estado de língua. Assim, um indivíduo de 60 anos corresponderia a um estado de língua de 45 anos atrás; um indivíduo de 30 anos corresponderia a um estado de língua de 15 anos atrás; e um indivíduo de 15 anos corresponderia ao estado de língua atual (NARO, 2002).

A análise em tempo aparente considera a distribuição das ocorrências do fenômeno em estudo em função das faixas etárias para caracterizar uma situação de estabilidade, mudança incipiente, mudança em progresso ou mudança completa. Porém, dada uma distribuição proporcional entre as ocorrências do fenômeno em estudo e as faixas etárias (no sentido que o aumento ou a queda das ocorrências está relacionado com o aumento ou a diminuição da faixa etária), pode-se dizer que é um caso de mudança em progresso ou não? Sem um estudo em tempo real para contraponto, fica difícil responder a essa questão, pois não só a comunidade como também o indivíduo podem influir no fenômeno da variação e da mudança. Por isso, é necessário controlar o comportamento lingüístico da comunidade como um todo e o comportamento lingüístico de cada indivíduo da amostra, especificamente.

3. FEIXE DE FATORES FAIXA ETÁRIA

Somente observação de um fenômeno em tempo aparente não permite identificar se trata-se de uma mudança em progresso ou não. Eckert (1997) argumenta que a

estratificação etária pode refletir mudança em uma comunidade de fala em relação ao tempo (mudança histórica) e também a mudança na fala de um indivíduo em relação ao tempo de sua vida (gradação etária). Segundo a autora, o problema da análise da mudança em tempo aparente é que considerar o tempo refletido na idade cronológica dos indivíduos pode levar a equívoco entre mudança em tempo aparente de fato e gradação etária. Isso porque, de acordo com Eckert (1997), o comportamento lingüístico de todos os indivíduos muda no decorrer de sua vida. E as mudanças lingüísticas individuais não são exclusivamente decorrentes de mudanças lingüísticas históricas. São mudanças decorrentes da história do indivíduo. Nascemos, crescemos, nos tornamos adultos, envelhecemos. A cada etapa do ciclo vital, mudanças de ordem biológica e social ocorrem e refletem também na sua língua, é o que Eckert denomina de *curso da vida lingüística*. A aquisição da língua, a entrada na escola, a aplicação da rede de relações sociais, a entrada e a saída do mercado de trabalho são fatores que se refletem diretamente nas faixas etárias. Logo, a faixa etária não pode ser encarada como um fator simples. Ao contrário, é extremamente complexo, e é preciso muita atenção ao interpretar os resultados de um fenômeno de mudança em função das faixas etárias.

A faixa etária é apenas um rótulo que agrupa vários fatores de ordem social e biológica do indivíduo. Frequentemente, ela quebra a relação ortogonal⁴, tão buscada e desejada nos estudos da variação e da mudança lingüística. A quebra de ortogonalidade, no português, pode ser observada na correlação entre escolaridade e faixa etária no Brasil, cujas possibilidades são as possibilidades delineadas no quadro 2, na próxima página.

⁴ A ortogonalidade refere-se ao arranjo bidimensional entre dois grupos de fatores, de modo que cada fator no grupo X co-ocorra com cada fator do grupo Y. É critério para evitar que os fatores não sejam sub ou supercategorias uns dos outros. Guy (1988) sugere que se evite qualquer situação em que um fator de um grupo co-ocorra exclusivamente com apenas um fator de algum outro grupo.

QUADRO 2: CORRELAÇÃO ENTRE FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIZAÇÃO

	Educação infantil	Ensino fundamental	Ensino médio	Ensino superior	Sem escolarização
0 a 6 anos	X				X
7 a 14 anos	X	X			X
15 a 19 anos	X	X	X		X
20 a 25 anos	X	X	X	X	X
Mais de 25 anos	X	X	X	X	X

A célula social da amostra randômica formada por indivíduos da faixa etária de 7 a 14 anos com ensino superior será vácuca, assim como a de 15 a 19 anos e a de 0 a 6 anos com ensino superior, a de 7 a 14 anos e a de 0 a 6 anos com ensino médio, e a de 0 a 6 anos com ensino fundamental. Então, por que e como controlar faixas etárias? Quantas faixas etárias? O controle da faixa etária é, sim, válido, desde que sejam levados em conta os outros fatores sociais que compõem o feixe rotulado faixa etária. É preciso então definir quantas e quais as faixas etárias que podem ser controladas e que fornecem pistas significativas para a compreensão real do fenômeno de variação e de mudança lingüística. Labov (1994) propõe duas faixas extremas: a dos mais velhos e a dos mais jovens. Chambers (2003) propõe três: crianças, adolescentes e adultos. Eckert (1997), por sua vez, propõe que as faixas etárias representem o curso da vida lingüística: infância, adolescência, vida adulta e velhice.

3.1 AS CRIANÇAS

O primeiro questionamento relevante na definição deste estágio do curso da vida lingüística é quão jovem deve ser o extrato mais jovem de uma comunidade de fala para que possa dar evidências e a direção de uma mudança lingüística em pro-

gresso? Labov (1994) cita três estudos, com três faixas etárias: 8-19 anos (LABOV, 1966 *apud* LABOV, 1994); 10-19 anos (TRUDGILL, 1974 *apud* LABOV, 1994); e 14-20 anos (CEDEGREN, 1973, *apud* LABOV, 1994). Eckert (1997) vai mais além: propõe que a infância é a primeira faixa etária inerentemente variável, pois as crianças tomam por base a fala de indivíduos mais velhos do seu círculo familiar como modelo. Ela cita o estudo realizado por Roberts & Labov (1992 *apud* ECKERT, 1997), os quais verificaram que no inglês, em crianças de 3 anos, o condicionamento para apagamento de *-ing* e *t/d* é o mesmo que para adultos. Segundo Eckert, essa é uma boa evidência de que certos padrões da língua não podem ser aprendidos depois de certa idade. Também é uma evidência de que o desenvolvimento da competência (socio)lingüística⁵ dá-se cedo.

Eckert (1997) observa ainda que não há fortes correlações entre classe social/gênero e faixa etária em crianças. Porém, Chambers (2003) ressalta que esta faixa etária sociolinguisticamente relevante é a que mais está exposta às pressões paternas e familiares.

3.2 OS ADOLESCENTES

A adolescência é uma fase muito complicada não só para o adolescente, como para o resto da família. É a fase do desenvolvimento social do uso vernacular. Chambers (2003) ressalta que a norma adolescente é hipersensível à sua rede de relações sociais.

Livre de maiores responsabilidades familiares e econômicas (adolescentes não costumam ser chefes de família, nem contribuir fundamentalmente para a renda familiar, na grande maioria dos casos), o adolescente vai em busca da sua identidade, com reflexos fortes no seu uso da língua. E a rede de relações sociais do adolescente tem papel determinante nessa busca. Para ser aceito em determinado grupo, o adolescente

⁵ Competência sociolingüística: habilita os indivíduos para usar a linguagem diariamente. Refere-se ao (re)conhecimento de diferenças estilísticas, usualmente chamadas de variação de registro. Não há concordância quanto à faixa etária em que a criança aprende a fazer os ajustes estilísticos aos vários contextos de língua em uso.

precisa adotar a postura lingüística que o identifique como membro do grupo. A maneira mais fácil de observar o papel das redes de relações sociais entre os adolescentes é prestando atenção às expressões ditas “marcadores discursivos” e às expressões de chamada ao interlocutor.

(1) Ele falou em gesso, eu me assustei, eu assim: “*Pô!* gesso de novo, eu fiquei um ano! (SC FLP II MJP – 21 anos)⁶

(2) Eu, por exemplo, eu chegando assim, né? *porra*, no acampamento todo preocupado, sexta-feira, pior dia, não conhecia ninguém assim. (SC FLP I2 MJG – 15 anos)

(3) Teve uma cena que quase caiu a toalha, ficamos torcendo eu e a minha amiga pra que caísse aquela toalha, mas no fim não caiu, uma cena de luta assim, *tá ligado?* estava só enrolado na toalha. (SC FLP I6 FJG – 16 anos)

Os marcadores discursivos são as marcas de identidade mais perceptíveis entre os adolescentes, e que estão em constante renovação. A cada geração de adolescente, um marcador discursivo, uma nova identidade. A partir do momento que não usamos um dado marcador discursivo que surge, deixamos de pertencer àquele grupo⁷.

3.3 OS ADULTOS

Passada a fase de rebeldia, na idade adulta o estilo de fala do indivíduo tende a se acomodar (CHAMBERS, 2003). Mas não sem antes sofrer a forte pressão exercida pelo mercado de trabalho no seu uso lingüístico. É quando a norma lingüística se impõe (ou melhor, é imposta, ainda que escamoteadamente) ao uso lingüístico do indivíduo. Por exem-

⁶ As frases foram extraídas de entrevistas de Florianópolis, uma das cidades constituintes do Banco de Dados VARSUL. As duas primeiras letras da sigla entre parêntesis referem-se ao estado (Santa Catarina), as três letras seguintes referem-se à cidade (Florianópolis) e o número é o número do informante. A sigla seguinte informa o sexo do falante (F para feminino e M para masculino), a faixa etária (J para 15 a 24 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos) e o tempo de escolarização (P para 2 a 4 anos, G para 5 a 8 anos e C para 9 a 11 anos).

⁷ Sobre uso variável de marcadores discursivos, ver Freitag (2001), em que é mostrada a variação no uso de *tá?* e *certo?* na fala de Santa Catarina. O marcador discursivo *certo?* ocorre predominantemente na faixa etária mais velha, enquanto que o marcador *tá?* é muito mais utilizado pelos indivíduos da faixa etária mais jovem.

plo, um operador de telemarketing que fala “*a gente vamos resolver o problema*” ou “*nóis vai resolver o problema*” dificilmente fará uma carreira mais longa do que o tempo necessário até seu chefe tomar conhecimento do seu falar. Ou ainda esse operador sequer passaria na entrevista. O mesmo rigor não seria exigido de um funcionário que não mantém contato direto com o público, um faxineiro, por exemplo.

3.4 OS IDOSOS

Com a aposentadoria, os indivíduos estão livres das pressões sociais da idade adulta. Observa-se um comportamento lingüístico mais relaxado, sem tanto rigor normativo. Labov (1994) salienta que os indivíduos da faixa etária mais idosa da população, com cerca de 80-90 anos, são relativamente difíceis de se encontrar, pois estão sujeitos a deteriorações físicas, como a perda de dentes e o relaxamento das articulações. Mas, se encontrados, são os mais entusiasmados, bons informantes.

4. BUSCANDO SOLUÇÕES

Dadas as peculiaridades de cada faixa etária, a questão colocada por Eckert (1997) é como separar as diferentes nuances sociais que estão correlacionadas às faixas etárias das faixas etárias propriamente ditas: representação cronológica de um dado período de variação e de mudança lingüística decorrido. Com base nas evidências elencadas pela literatura da área, acredito que duas medidas podem auxiliar muito na interpretação de resultados de um dado fenômeno de variação e mudança lingüística quanto à sua distribuição em função das faixas etárias. A primeira delas é controlar o comportamento de cada indivíduo da amostra. O controle de cada indivíduo permite verificar se se trata de um caso de variação na comunidade ou de variação individual. Nos trabalhos mais recentes desenvolvidos com os *corpora* do banco de dados do Projeto VARSUL, o grupo de fatores indivíduo está sendo controlado, com resultados bastante significativos no delineamento de casos de variação e mudança.

A segunda medida é cercar-se do máximo de informações possíveis a respeito das características sociais do indivíduo: sua rede de relações sociais, informações sociais a respeito de seus pais e parentes diretos, como grau de escolarização, relação no mercado de trabalho (aposentado, contato direto/indireto com o público, rede de relações sociais), e todas mais que forem possíveis. A experiência do Projeto PEUL em controlar variáveis mais alternativas (relação dos informantes com produtos culturais, a sua posse de bens materiais disponíveis no mundo moderno e as suas expectativas em relação ao futuro) mostrou relevância, numa primeira análise, nos processos variáveis de concordância de número, nos processos referentes aos grupos consonantais (rotacismo de [l] e queda de [r]) e na supressão de [d] na sequência –ndo (Paiva & Scherre, 1999: 219).

A busca por variáveis sociolingüísticas alternativas se faz ainda mais necessária no contexto brasileiro quando se considera a *hipótese do padrão curvilinear* (LABOV, 2001: 32-3). Os primeiros estudos variacionistas tinham por hipótese que a inovação seria oriunda do topo da hierarquia social. Ou seja, seriam indivíduos das classes superiores na hierarquia social os líderes, desencadeadores, de um dado fenômeno de variação e mudança. Porém, os estudos realizados por Labov em Martha's Vineyard e em Nova Iorque, e outros estudos, não apontaram esse padrão. Ao contrário, mostraram que em fenômenos sociolingüísticos estáveis, uma distribuição escalar na faixa etária está relacionada com um padrão curvilinear na hierarquia social.⁸ Labov ilustra a hipótese do padrão curvilinear com dados do processo de lenição⁹ de (ch) na cidade do Panamá: enquanto a faixa etária

⁸ É preciso salientar que há casos em que idade e classe social comportam-se igualmente, já outros só a idade apresenta comportamento curvilinear.

⁹ “Lenição: termo da fonologia para referir ao enfraquecimento da força de um som, diacrônica ou sincronicamente. Tipicamente, lenição envolve a mudança de uma pausa a uma fricativa, de uma fricativa a uma aproximante, de um som menos vozeado a mais vozeado, ou um som sendo reduzido (*lenite*) a zero. Por exemplo, a mutação nas línguas célticas iniciais mostra lenição em casos tais como *pen* ‘cabeça’ tornando-se bem ‘(sua) cabeça’.” (CRYSTAL, 2003: 264).

delineia um padrão escalar, aumentando quanto mais jovem for o indivíduo, a classe social dominante delineia um padrão curvilíneo. Transpor a hipótese do padrão curvilíneo ao cenário sociolinguístico brasileiro é tarefa árdua, pois considerando a dificuldade de distinção de classe social no Brasil, resta elaborar estratégias para mapear a influência do meio social nos fenômenos de variação e mudança, tais como as variáveis sociolinguísticas alternativas do PEUL.

5. REVENDO RESULTADOS

Coan (1997, 2003) analisa a variação e mudança no uso das formas verbais pretérito mais-que-perfeito simples, pretérito mais-que-perfeito composto e pretérito perfeito. Mais especificamente, o uso variável dos pretéritos na codificação de uma *situação passada realis contra-seqüencial a um ponto de referência passado*, que é ilustrada com os exemplos que seguem¹⁰:

(4) Tanta foi a eficácia que teve no Verbo divino o fazer-se: não o ser palavra dita, posto que dita por Deus, mas o ser palavra feita. Referindo-se S. Lucas no princípio dos Actos dos Apóstolos, como TINHA ESCRITO o seu Evangelho, diz uma coisa muito notável, e é, que nele ESCREVERA tudo o que Cristo começou a fazer e ensinar. (VIEIRA, 290).

(5) ...e frecharam outroz como FORA o ano passado... (AUTOS, 23)

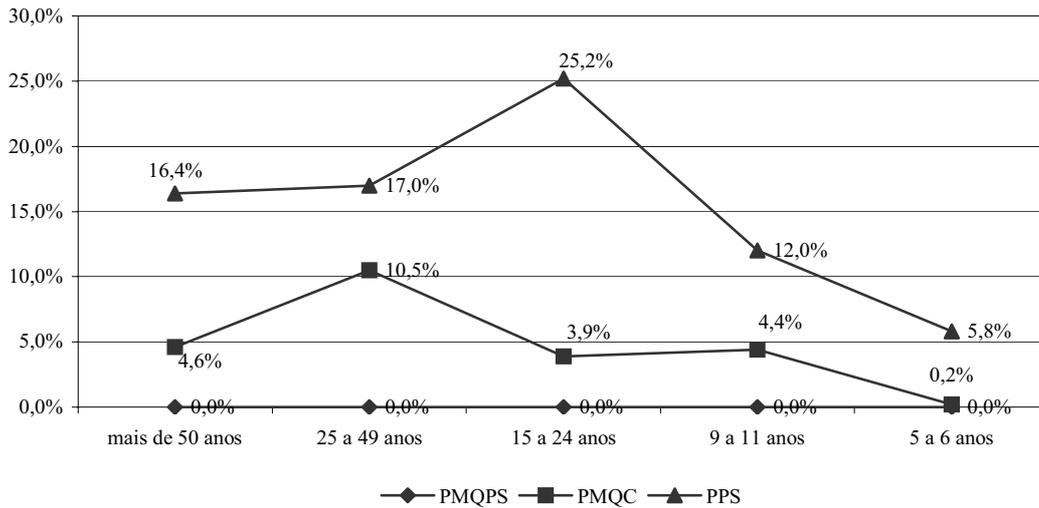
A autora considera cinco faixas etárias: 5 a 6 anos, 9 a 11 anos, 15 a 24 anos, 25 a 49 anos e mais de 50 anos, divididas em duas etapas. Em Coan (1997), foram analisadas as faixas etárias de 15-24 anos, 25-49 anos e mais de 50 anos. Na segunda etapa, foram analisados os dados de fala de crianças (05-06 anos) e pré-adolescentes (09-11 anos). Os resultados obtidos podem ser observados no gráfico I¹¹ na página a seguir:

¹⁰ Exemplos (56) e (57) extraídos de Coan (2003: 195).

¹¹ O gráfico foi construído com base em 576 dados da amostra da década de 1990 e 166 dados da amostra de 2000-2003 (tabelas 32 e 33 de Coan, (2003)).

GRÁFICO I: FAIXA ETÁRIA E OCORRÊNCIAS DE PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES (PMQPS), PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO (PMQPC) E PRETÉRITO PERFEITO (PPS)

Expressão da anterioridade a um ponto de referência passado (Coan, 2003)



Os resultados apontam que a faixa etária mais jovem das duas amostras (15 a 24 anos, em 1997; e 5 a 6 anos, em 2003) utilizam mais a forma de pretérito perfeito do que a forma de pretérito mais-que-perfeito composto para a expressão da função *situação passada realis contra-sequencial a um ponto de referência passado*. Com base nesses resultados, Coan (2003) conclui que há mudança em curso no que se refere a essa variável.

Considerando as informações inerentes a cada faixa etária, podemos reinterpretar os resultados de Coan (2003). A forma de pretérito mais-que-perfeito composto pode ser considerada arcaica no português, dado que não tem sequer uma ocorrência nas amostras controladas. A faixa etária que agrupa mais ocorrência da forma de pretérito mais-que-perfeito composto (PMQPC) é a faixa de 25 a 49 anos, com 78 ocorrências. A distribuição entre as demais faixas etárias (mais de 50 anos, 15 a 24 anos e 9 a 11 anos) é relativamente estável, salientando-se que na faixa etária de 5 a 6 anos não houve ocorrência de pretérito mais-que-perfeito e poucas ocorrências de pretérito perfeito.

Então, por que a forma de pretérito mais-que-perfeito composto tem comportamento diferenciado na faixa etária de 25 a 49 anos? Considerando a correlação existente entre as faixas etárias e nuances sociais, pode-se associar esse comportamento de uso ao fato de que os informantes dessa faixa etária são aqueles que estão atuando no mercado de trabalho e, devido às pressões sociais, privilegiam a norma, ainda que o uso de pretérito perfeito na expressão da anterioridade a um ponto de referência passado não seja estigmatizado. Assim que saem do mercado de trabalho, a situação parece voltar à linha estável traçada. É somente na faixa etária de 25 a 49 anos que a concentração de ocorrências aumenta. Pode-se pensar em estabelecer uma relação entre o resultado obtido com a hipótese de padrão curvilinear de Labov (2001). Como não há informações a respeito da classe social dos indivíduos da amostra, é possível que, por falta de instrumento para controle, a faixa etária manifeste o padrão curvilinear esperado para classe social, ao invés do padrão escalar. Considerando a relação imbricada dessa faixa etária com as pressões exercidas pelo mercado de trabalho no uso lingüístico dos indivíduos, é possível pensar na possibilidade de se considerar a situação do pretérito mais-que-perfeito composto, com base nos dados de Coan (2003), como de estabilidade. Para ter mais segurança e se afirmar que o caso do PMPC é de mudança em andamento seria necessário coletar mais informações a respeito do indivíduo no que se refere à sua relação com o mercado de trabalho.

Quanto ao uso do pretérito perfeito para codificar a função *situação passada realis contra-seqüencial a um ponto de referência passado*, antes de se propor alguma hipótese, é preciso averiguar as condições de complexidade lingüística para o uso da função de *situação passada realis contra-seqüencial a um ponto de referência passado*. A inexistência de dados de pretérito mais que perfeito composto na faixa etária de 5 a 6 anos e a baixa recorrência da forma de pretérito perfeito nas duas faixas etárias mais jovens em comparação com as mais velhas faz com que se pense se essa função não demanda processamento complexo.

6. ALGUMAS CONCLUSÕES

Para se obter resultados mais seguros, pistas mais claras e evidências mais concretas de um dado fenômeno de variação e mudança lingüística é preciso pensar a faixa etária não como um único grupo de fator, correlacionado apenas à idade cronológica dos indivíduos. É preciso desmembrar o grupo faixa etária, tornado-o um feixe de fatores, delineado por informações as mais diversas, à semelhança do que o projeto PEUL propõe para clarear a questão da classe social no contexto sociolingüístico brasileiro. Se considerarmos a faixa etária apenas como a representação cronológica da vida do indivíduo, corremos o risco de identificar falsos processos de variação e mudança.

7. REFERÊNCIAS

BLAKE, R., JOSEY, M.. The /ay/ diphtong in a Martha's Vineyard community: what com we say 40 years after Labov? In *Language in Society*, 32. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 451-485.

CHAMBERS, J. *Sociolinguistics*. 2a. ed. Oxford: Blackwell, 2003.

COAN, M.. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que) perfeito*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1997 Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Curso de Pós-graduação em Lingüística.

_____. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em Lingüística) – Curso de Pós-graduação em Lingüística.

CRYSTAL, D. *A dictionary of Linguistics & Phonetics*. 5a. ed. Oxford: Blackwell, 2003.

ECKERT, P. Ages as a sociolinguistic variable. In F. Coulmas (ed.) *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

FREITAG, R.. O uso de tá? e certo? na fala de Santa Catarina. In *Working Papers em Lingüística*, 5. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. p. 25-41.

GUY, G. VARBRUL: Análise avançada. In *Cadernos de Tradução* – Instituto de Letras/UFRGS – n° 01, 1998, p. 27-49

KNIES, C., COSTA, I. *Manual do usuário banco de dados lingüísticos Varsul*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Paraná, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

NARO, A. O dinamismo das línguas. In: M. Mollica, M. L. Braga (org.). *Introdução à Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Contexto, 2002, p.43-50.

PAIVA, M., SCHERRE, M. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 15, n.º especial, 1999, p. 201-232.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTA LÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber